



PRÓLOGO | PREFÁCIO | FOREWORD

Fermentario V. 17, N° 2 (2023)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias
de la Educación, Universidad de la República.

www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Dossier «Narrativas disidentes y otros modos de
existencia»

*Dossiê «Narrativas dissidentes e outros modos de
existência»*

Dossier «Dissident narratives and other modes of existence»

Gláucia Figueiredo¹

Silvio Gallo²

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.17.2.1>

Recibido: 4 de julio de 2022

Aceptado: 17 de noviembre de 2022

É com muita alegria que apresentamos o terceiro e último volume do Dossiê
“*Narrativas dissidentes e outros modos de existência*” da revista *Fermentario*. Este
volume é composto por cinco artigos principais, uma resenha, quatro reflexões e uma
homenagem à professora Ana María Fernández. Esta composição de textos segue a
mesma direção dos estudos inicialmente propostos, sejam eles quais forem, sobre a

¹ Unicamp/Universidad de la República.

² Unicamp.

importância de se pensar a dissidência no campo da educação. As pesquisas e reflexões apresentadas expressam modalidades metodológicas e epistemológicas inovadoras e, como dito nos demais prólogos, a linha norteadora dos três volumes que compõem este dossiê é a provocação de aberturas mentais no que diz respeito à construção de conhecimentos e procedimentos na academia e na a vida.

O primeiro artigo “*Manifesto Ante-humanista: tecnologia e humano*” do autor Diego Winck Esteves questiona a noção de humanidade e sua correlação com a tecnologia. Problematisa, através de uma relação temporal, os indícios que parecem evidenciar certos efeitos do que foi definido como Tecnologia de Distração e Extração, argumentando a favor das Tecnologias de Experimentação e Composição.

No trabalho seguinte faremos um passeio pela história e pela memória através do ensaio “*Uma memória narrativa como pista para desdobrar narrativas da história recente do Uruguai*” da autora Lucía Marotta que utilizará a narrativa como suporte, em torno de preocupações pedagógicas surgidas durante trabalho diário em contexto de educação não formal com meninos e meninas dos 6 aos 12 anos. Lucía aborda discussões e questões, sentimentos e opiniões que surgem em um grupo docente a partir da tensão – ou com ela como desculpa – entre a moralidade como um dever implícito nos sistemas que operam em torno da educação e a ética docente como o que pode ser um professor protegido por princípios e políticas educacionais combinados com seus sentimentos e pensamentos sobre a profissão. Procura refletir que ao longo das experiências vividas em diferentes momentos, os professores questionam onde surge a necessidade de abordar o passado recente. Se é uma necessidade exclusiva nossa ou se vai além dela. As reflexões encontradas esclareceram que isso está longe de ser uma prática de submissão a um discurso. Seus propósitos eram emancipatórios.

Uma importante investigação sobre os movimentos formativos na faculdade de psicologia é desenvolvida por Natalia Laino Topham em seu artigo “*Narrativas Coletivas. Uma proposta para repensar a formação na Faculdade de Psicologia*”. A autora tem como campo de atuação duas disciplinas Curriculares: uma obrigatória denominada Construção de Itinerário (CI) localizada no quinto e sexto semestres da formação e um projeto intitulado “*Narrativas Coletivas. Escuta e composição*”, que foi proposta aos alunos do oitavo semestre. Ela propõe montar um curso em cima do outro

para ensaiar a criação de narrativas coletivas como forma de abordar e pensar as dobras entre o pessoal, o institucional, o histórico e o social, com o objetivo de questionar discursos pré-estabelecidos e estabelecendo uma busca por processos coletivos que possibilitem novos modos de habitar as narrativas que são produzidas sobre a instituição, a prática psicológica e o ser estudante de Psicologia. A conclusão é que pensar a formação em Psicologia na perspectiva das narrativas coletivas é um método muito potente, condizente com os propósitos dos cursos propostos e uma importante ferramenta para a análise do envolvimento, exercício fundamental na prática da Psicologia.

Identificamos o esforço de construção de uma narrativa dissidente por meio do artigo *“Por uma poética da língua migrante: devir-língua pela voz”* da autora Sônia Matos, que apresenta pesquisas sobre o movimento linguístico de senegaleses e haitianos em oficina de conversação proposta entre 2019 e 2020, em conjunto com o Coletivo XXX para migrantes do Sul do Brasil. Através do método cartográfico, o maneirismo poético literário é investido no modo de tentativa de esgotamento de uma premissa parisiense de Georges Perec (2016), através de três blocos: a poética do encontro de uma língua, o fluxo de oficinas de conversação e uma possível língua-migrante -tornando-se através da voz. Ao final, a autora afirma que nas oficinas de conversação a língua migrante se faz pela extração poética entre linguagens, que estão em constante e tenso movimento das potências extraídas pela expressão de um devir-linguagem-voz.

O artigo de Tiago de Moraes intitulado *“Poéticas da Deterioração: Zona de Experimentação Docente”* é uma experiência de artesanato e uma poética na educação. Segundo o autor, esse texto é relevante não apenas como história, como ‘representação’ do acontecimento, mas como ação de tradução do ato, ou seja, a escrita que se desdobra apresenta-se como um novo ato que transcria a referida primeira ação, estrangeirizando-a. O autor toma a noção de formação de professores para problematizar suas possíveis estratificações, a fim de compreender de que forma podemos vivenciar uma formação que não se baseia em ideais prévios de ensino, de didática, ou em um conjunto fixo de conhecimentos ou metodologias a serem buscadas - como prática de artesanato – que se faz nas intersecções entre educação, filosofia, literatura, teoria literária e cinema, e a partir do espanto do contemporâneo, para que uma poética da deterioração na educação

promova poéticas que pressupõem que se vive num estado deteriorado espaço para tornar visíveis, no campo educacional, as pulsões ocultas de destruição.

Na sessão *'Miscelaneos'*, a autora Lidia Cortez apresenta o texto *"A educação para o empoderamento emancipatório dos sujeitos ou a pedra de Sísifo"* com o objetivo de tornar visível o epifenômeno que está em processo de aquisição de características de desumanização. As heurísticas bibliográficas, reflexivas e experienciais permitiram-nos inferir uma resposta à questão colocada: qual a função primeira da educação? A herança clássica ofereceu uma resposta clara e contundente: atualizar a *épiméleia*. A educação representa a grande ocasião para esta prática pessoal e na comunidade de educandos no seu sentido mais amplo: ensinar e aprender a pensar sobre si e sobre o outro, nessa ordem de prioridades. A autora pretende aprofundar esse tema para formar comunidades de investigação em sala de aula e problematizar a realidade como possível forma de empoderamento emancipatório dos sujeitos.

Apresentamos, então, quatro artigos que foram organizados numa sessão denominada *'Reflexões'*. O primeiro artigo: *"Qual é então, para Montaigne, o fundamento da educação?"* da autora Gabriela López Massa apresenta reflexões sobre as contribuições do pensamento de Montaigne para a educação nos tempos atuais. O segundo artigo *"O ensino secundário do século XXI ou "O jardim dos caminhos que conheço se re(de)forma"* escrito por Fabián Pérez discute a constante e avassaladora reforma do jardim educativo que nada mais produz do que o seu esgotamento, que isto é, sua deformação. Nesta reflexão o autor descreverá o que se pode chamar de "situação" ou diagnóstico do Ensino Secundário (DGES), e depois tentará traçar as origens e causas de todos os impulsos reformistas actuais. As autoras Estela Scheinvar, Ana Marcela Terra e Maria Mostafa em seu texto *"Primeira infância e adolescência: segmentarizações que nos governam"* falarão sobre pesquisas sobre infância, adolescência e juventude tomando os estudos foucaultianos como força teórica. As pesquisadoras denunciam essa ordem discursiva e problematizam os cortes de idade com toda a sua carga política e nos fazem pensar a prática cotidiana como parte de uma ordem discursiva que tem sido muito produtiva. Questionam a separação da vida em diferentes fases, o que pode inibir a dissidência, cujas práticas fazem aparecer como uma irrupção da criação e da pluralidade. Longe de produzir homogeneidade com a

pesquisa, os cortes estimulam a multiplicação de dissidências para flexibilizar o rigor contido na segmentação etária, entendendo-a como uma armadilha e abrindo possibilidade para um caminho metodológico sobre as técnicas que regem a vida. O autor José Ignacio Scassera desenvolve em seu artigo “*As políticas de identidade e uma teoria crítica do parentesco. Uma geneacología argentina*” uma crítica fundamental da teoria crítica, especificamente nos estudos sobre sexualidade e gênero, com a intenção de encontrar um terreno comum em que tanto a distribuição quanto o reconhecimento possam se tornar objetivos inevitáveis. A suspeita do autor é que para isso, seja necessário mudar o quadro problemático dos estudos críticos que, especialmente em questões de gênero e sexualidade, há anos constroem suas especulações em torno da identidade como um problema capital.

A resenha do livro compilado por Andrea Díaz “*Diálogos com Montaigne e a formação humana*” foi escrita por Máximo Nuñez. O autor apresenta de forma brilhante a organização da obra, que é composta por doze artigos, escritos em espanhol, francês e português. Segundo ele, o objetivo de quem escreve é compreender os *Ensaio*s do autor como um projeto educativo e formativo atual. O diálogo se estabelece entre Montaigne e vários outros pensadores - Rousseau, Descartes, Pascal, Nietzsche, Heidegger, Deleuze e a tradição latino-americana, a começar por Oswald de Andrade, nos fazem enfrentar respostas diferentes e que surgem em diálogos que nos posicionam sob as questões como viver? É um livro que demonstra a força e a relevância do pensamento de Montaigne para o campo educacional contemporâneo.

Encerramos este número com uma importantíssima *homenagem* a Ana María Fernández, professora e pesquisadora da Faculdade de Ciências Humanas e da Educação falecida neste ano de 2023. Suas amigas Andrea Díaz Genis (FHCE); Paola Behetti (FPSICO); Alejandra Capocasale (CFE); Beatriz Medina (CFE); Gabriela Ferreira (FHCE); Adriana de los Santos Montenegro (CFE); Máximo Nuñez (FHCE); Natália Barraco (FHCE); Paula Gauna (CFE) descreve sua trajetória acadêmica excepcional, bem como os rastros deixados na vida de seus alunos, colegas e amigos.